



BOLETIM

GEOCORRENTE

ANO 6 • Nº 116 • 21 DE MAIO DE 2020

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção "Temas Especiais".

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 350 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do BOLETIM GEOCORRENTE, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).



DIRETOR DA ESCOLA DE GUERRA NAVAL
CONTRA-ALMIRANTE PAULO CÉSAR BITTENCOURT FERREIRA

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA ESCOLA DE GUERRA NAVAL
CONTRA-ALMIRANTE (RM1) MARCIO MAGNO DE FARIAS FRANCO E SILVA

CONSELHO EDITORIAL
EDITOR RESPONSÁVEL
CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) LEONARDO FARIA DE MATTOS (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO
CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) FRANCISCO E. ALVES DE ALMEIDA (EGN)

EDITORES ADJUNTOS
1º TENENTE (RM2-T) JANSEN COLI CALIL N. ALMEIDA DE OLIVEIRA (EGN)
JÉSSICA GERMANO DE LIMA SILVA (EGN)
NOELE DE FREITAS PEIGO (FACAMP)
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-Rio)

DESIGN GRÁFICO
MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)

DIAGRAMAÇÃO
RODRIGO ÁBREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)
PEDRO DA SILVA DE ALBIT DE PENEDO (UFRJ)

PEQUISADORES DO NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA

ÁFRICA SUBSAARIANA

BRUNO GONÇALVES (UFRJ)
FRANCO NAPOLEÃO AGUIAR DE ALENCASTRO GUIMARÃES (PUC-RIO)
ISADORA JACQUES DE JESUS (UFRJ)
JOÃO VICTOR MARQUES CARDOSO (UNIRIO)
VIVIAN DE MATTOS MARCIANO (UFRJ)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)
ANA CLÁUDIA FERREIRA DA SILVA (UFRJ)
CAROLINA CÔRTEZ GÓIS (PUC-RIO)
JÉSSICA PIRES BARBOSA BARRETO (EGN)
VICTOR CABRAL RIBEIRO (PUC-RIO)
VICTOR EDUARDO KALIL GASPAR FILHO (EGN)

EUROPA

ARIANE DINALLI FRANCISCO (UNIVERSITÄT OSNABRÜCK)
GLAYCE KEROLIN RODRIGUES MAXIMIANO (UFRJ)
MATHEUS SOUZA GALVES MENDES (EGN)
MELISSA ROSSI (SUFFOLK UNIVERSITY)
NATHÁLIA SOARES DE LIMA DO VALE (UERJ)
THAÏS ABYGAËLLE DEDEO (UNIVERSITÉ DE PARIS 3)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

ANA LUIZA COLARES CARNEIRO (UFRJ)
ANDRÉ FIGUEIREDO NUNES (ECEME)
DOMINIQUE MARQUES DE SOUZA (UFRJ)
PEDRO DA SILVA ALBIT PENEDO (UFRJ)
SHAKILA DE SOUSA AHMAD (UFRJ)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)
THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)
VINÍCIUS DE ALMEIDA COSTA (EGN)

TEMAS ESPECIAIS

ALESSANDRA DANTAS BRITO (EGN)
LOUISE MARIE HUREL SILVA DIAS (LONDON SCHOOL OF ECONOMICS)

AMÉRICA DO SUL

ADRIANA ESCOSTEGUY MEDRONHO (EHES)
BEATRIZ MENDES GARCIA FERREIRA (UFRJ)
CARLOS HENRIQUE FERREIRA DA SILVA JÚNIOR (UFRJ)
GABRIELA DE ASSUMPTÃO NOGUEIRA (UFRJ)
JOÃO FELIPE DE ALMEIDA FERRAZ (UFRJ)
PEDRO EMILIANO KILSON FERREIRA (UNIVERSIDADE DE SANTIAGO)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

ANA CAROLINA FERREIRA LAHR (EGN)
GABRIELE MARINA MOLINA HERNANDEZ (UFF)
LAILA NEVES LORENZON (UFRJ)
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-RIO)
RAPHAELLA DA SILVA DIAS COSTA (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

JOÃO PEDRO RIBEIRO GRILO CUQUEJO (IBMEC)
MARCELLE TORRES ALVES OKUNO (IBMEC)
PHILIPPE ALEXANDRE JUNQUEIRA (UERJ)
RODRIGO ÁBREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)
VINÍCIUS GUIMARÃES REIS GONÇALVES (UFRJ)

RÚSSIA & Ex-URSS

JOSÉ GABRIEL DE MELO PIRES (UFRJ)
LUIZA GOMES GUITARRARI (UFRJ)
PEDRO MENDES MARTINS (ECEME)
PÉRSIO GLÓRIA DE PAULA (UFF)

SUL DA ÁSIA

JOÃO MIGUEL VILLAS-BOAS BARCELLOS (UFRJ)
MARINA SOARES CORRÊA (UFRJ)
REBECA VITÓRIA ALVES LEITE (EGN)

ÍNDICE

AMÉRICA DO SUL

A Operação Gedeón e a crescente fragilidade da articulação que sustenta o governo de Nicolás Maduro.....	5
A crise da COVID-19 como ponto de inflexão no Equador	6

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

Planos de reestruturação da Marinha norte-americana	6
-----------------------------------------------------------	---

ÁFRICA SUBSAARIANA

Os interesses internacionais no conflito em Moçambique	7
A China e a dívida africana.....	8

EUROPA

A conclusão do Nord Stream 2: batalha geopolítica e econômica	9
Malta abandona a Operação Naval EUNAVFOR MED Irini	9

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Acidente em exercício naval iraniano: despreparo ou fatalidade?.....	10
----------------------------------------------------------------------	----

RÚSSIA & Ex-URSS

A manutenção da força naval russa no Mediterrâneo	11
---------------------------------------------------------	----

A disputa geopolítica da Ucrânia em tempos de COVID-19.....	11
-------------------------------------------------------------	----

SUL DA ÁSIA

Novos desafios para a segurança energética indiana.....	12
Índia e China voltam a se enfrentar na fronteira	13

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Austrália e China: entre a pandemia e a diplomacia	13
----------------------------------------------------------	----

ÁRTICO & ANTÁRTICA

Rússia e os avanços em direção a uma futura exploração antártica	14
------------------------------------------------------------------------	----

Rússia assina o contrato para a compra do maior quebra-gelo nuclear do mundo.....	15
-----------------------------------------------------------------------------------	----

Artigos Seleccionados & Notícias de Defesa.....	16
-------------------------------------------------	----

Calendário Geocorrente.....	16
-----------------------------	----

Referências.....	17
------------------	----

Mapa de Riscos.....	18
---------------------	----

10 PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Desconsiderando a pandemia de COVID-19



Alto Risco

Médio Risco

Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 18.

ACOMPANHAMENTO COVID-19

PRINCIPAIS PAÍSES AFETADOS PELA COVID-19

Dados segundo o "Situation report – 121", da OMS, publicado no dia 20 de maio de 2020.



ACOMPANHAMENTO DOS PAÍSES						
#	País	Nº de casos confirmados	Novos casos (últimas 24h)	Nº de mortes registradas	Nº casos/100 mil habitantes	Nº mortes/100 mil habitantes
1º	ESTADOS UNIDOS	1.477.459	45.251	89.271	451,59	27,29
2º	RÚSSIA	308.705	8.764	2.972	213,64	2,06
3º	BRASIL	254.220	13.140	16.792	121,36	8,02
4º	REINO UNIDO	248.822	2.412	35.341	374,24	53,15
5º	ESPAÑA	232.037	431	27.778	496,62	59,45
6º	ITÁLIA	226.699	813	32.169	375,14	53,23
7º	ALEMANHA	176.007	797	8.090	212,24	9,76
8º	TURQUIA	151.615	1.022	4.199	184,18	5,10
9º	FRANÇA	140.959	462	27.972	210,43	41,76
10º	IRÃ	124.603	2.111	7.119	152,33	8,70
36º	ÁFRICA DO SUL	17.200	767	312	29,77	0,54
55º	AUSTRÁLIA	7.060	15	99	28,25	0,40

A Operação Gedeón e a crescente fragilidade da articulação que sustenta o governo de Nicolás Maduro

Adriana Escosteguy

Entre 03 e 04 de maio de 2020, forças de segurança venezuelanas abateram 8 homens e detiveram outros 21 no litoral localizado a 30 km de Caracas por suposto envolvimento na chamada Operação *Gedéon* (OG). O grupo, formado por dois ex-integrantes das Forças Especiais do Exército dos Estados Unidos e desertores da Força Armada Nacional Bolivariana (FANB), foi acusado pelo governo venezuelano de tentativa de incursão armada com objetivo de capturar e extraditar Nicolás Maduro. Posteriormente, o proprietário da empresa de segurança privada, Jordan Goudreau, e um capitão desertor da FANB, Javier Nieto Quintero, reivindicaram responsabilidade pela OG.

A operação teria contado com 60 militares venezuelanos desertores, comandados pelo general desertor da FANB, Clíver Alcalá, e com suposto apoio dos governos dos Estados Unidos e Colômbia. Ambos negaram envolvimento. Não há indícios de participação dos EUA na OG. Entretanto, em 2019, Goudreau apresentou um plano preliminar da operação ao Comitê Estratégico de Juan Guaidó e, em 09 de maio, a FANB encontrou três embarcações de combate da Marinha da Colômbia abandonadas, porém equipadas com metralhadoras calibre .50 e M60, nas margens do

rio Orinoco, no município venezuelano de Cedeño. O governo colombiano afirmou que as embarcações “foram arrastadas por fortes correntes”.

Estes eventos podem fomentar a mentalidade de cerco entre militares chavistas, principal base de sustentação de Maduro, cujo papel no controle da estrutura político-econômica venezuelana continua sendo impulsionado pelo governo ([Boletim 94](#)). O apoio da FANB e a complexidade geopolítica do território venezuelano inviabilizam o sucesso de ações militares de pequena escala, ao passo que a já baixa probabilidade de intervenções de larga escala ([Boletim 90](#)) diminui no contexto da pandemia de COVID-19.

A saída da *Rosneft Oil Company* da Venezuela acirrou as crises econômica e de abastecimento energético do país ([Boletim 114](#)), forçando Maduro estreitar laços com o Irã. Todavia, as principais ameaças ao regime venezuelano referem-se à sua crescente dependência econômica de atividades ilegais insustentáveis ([Boletim 85](#)) e à crise nacional de abastecimento energético, alimentar e de medicamentos. Consequentemente, uma parcela considerável da população sem acesso à assistência básica em saúde estará desamparada em função de um possível aumento do número de casos de COVID-19.



Após debates sobre medidas de austeridade econômica que se estendem desde o ano passado, a Lei de Ordenamento de Finanças foi aprovada neste mês pela Assembleia Nacional do Equador. A emergência causada pela crise de saúde, que atinge gravemente o país, fez com que as propostas governamentais passassem mais facilmente pelo legislativo. Um dos principais ordenamentos previstos na nova lei é um fundo de estabilização fiscal, para o enfrentamento da volatilidade dos preços do petróleo, utilizando recursos excedentes da exploração e da comercialização do produto. Antes da pandemia, os picos de queda dos preços já haviam contribuído para a fragilização da economia equatoriana, altamente dependente da exportação deste recurso.

Esta medida orçamentária é importante para o Equador neste momento, porque, além da questão dos preços, a pandemia também atingiu substancialmente a cadeia logística de fornecimento de petróleo. Nesse sentido, sua capital econômica, Guayaquil, que concentra um dos maiores portos da América do Sul e com importância central para a economia marítima do país, tornou-se rapidamente o epicentro das infecções no Equador, com o colapso de sua infraestrutura e incursão

de uma crise humanitária sem precedentes. Atualmente, a província de Guayas, possui mais de 60% dos casos da infecção de todo o território. Apesar de as atividades do porto não estarem paralisadas, a projeção é de que a crise epidemiológica local e a desaceleração do comércio internacional impactem nas exportações do país, uma vez que 70% de sua economia gira em torno do comércio exterior. O Porto de Guayaquil é responsável atualmente por cerca de 57% das importações e 72% das exportações.

Consequentemente à diminuição global da demanda energética, projeta-se uma contração de 3% a 7% do PIB equatoriano para 2020, sendo um dos países mais afetados na América Latina. Em adição ao acordo feito com o Fundo Monetário Internacional (FMI) em 2019, foi aprovada recentemente a concessão de um crédito de emergência de mais US\$ 4,2 bilhões, como forma de aplacar os impactos econômicos trazidos pela pandemia. Além disso, com as medidas econômicas aprovadas pelo legislativo, essas projeções podem culminar em um maior desgaste político, que poderá ser determinante para o atual governo nas próximas eleições presidenciais, previstas para o início de 2021.

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

Planos de reestruturação da Marinha norte-americana

Jéssica Barreto

Em 24 de abril de 2020, foi finalizada a instalação do sistema de armas do *Zumwalt*, o primeiro contratorpedeiro *stealth* entregue à Marinha estadunidense, cuja construção se iniciou em 2009. A entrega parcial da embarcação – casco e sistema elétrico – aconteceu em outubro de 2016, tendo sido comissionada nesse período, mas ainda não consta como disponível para emprego pela Marinha. O sistema de combate das embarcações da classe era de responsabilidade da *BAE Systems*, entretanto, aumento dos custos e alterações no cronograma de entrega permearam o programa. Ademais, apesar da previsão de entrega do último navio da classe para dezembro de 2020, a Marinha norte-americana ainda não definiu uma substituição para a munição *Long Range Land Attack*, que estava sendo desenvolvida especificamente para esse tipo de embarcação, mas se tornou extremamente cara ([Boletim 94](#)).

A entrega do navio coincide com os estudos por parte do Departamento de Defesa (DoD, em inglês) e

da Marinha para um novo plano de reestruturação da Força. Lançada em 2016, a *Force Structure Assessment* (FSA, sigla em inglês) estimava a meta de 355 navios para modernizar a Marinha e manter a sua capacidade de emprego ([Boletim 78](#)). Uma avaliação interna do gabinete do secretário de Defesa dos EUA, Mark Esper, no final de abril, analisou a necessidade da Marinha de colocar mais ênfase em tecnologias não-tripuladas e embarcações levemente tripuladas, que possam ser adaptadas, além de um aumento considerável no número de pequenas embarcações de superfície.

Além disso, o estudo recomenda o congelamento do tamanho da esquadra de grandes navios de combate de superfície e o corte de dois navios aeródromos (NAe), tendo uma esquadra de nove embarcações desse tipo. Essa redução contraria a estimativa de necessidade de 11 NAe, que será alcançada com a entrega da primeira embarcação da classe *Ford* ([Boletim 110](#)). Ademais, o corte forçaria uma revisão na forma como a Marinha »

projeta poder, não possibilitando o requisito permanente de presença desse tipo de embarcação no Oriente Médio

e Ásia-Pacífico. A nova FSA da Marinha está prevista para ser lançada até o final do primeiro semestre de 2020.



ÁFRICA SUBSAARIANA

Os interesses internacionais no conflito em Moçambique

A insurgência em Moçambique continua a se intensificar. Um novo ataque de combatentes ligados ao Estado Islâmico, ocorrido na primeira quinzena de abril de 2020, resultou na morte de 52 moradores da vila de Xitaxi, localizada na província de Cabo Delgado, onde tem se concentrado a insurgência nos últimos meses. De acordo com as autoridades locais, o ataque foi uma represália contra a população local, que se recusou a colaborar com as atividades do grupo. Trata-se do maior ataque já realizado pelas forças insurgentes em Moçambique, desde o início das hostilidades, em 2017.

A intensificação do conflito em Cabo Delgado tem levado ao envolvimento de forças internacionais. O Grupo *Wagner*, companhia militar privada russa, atua em Moçambique desde 2019, após passagens pela Ucrânia, Síria, Líbia e República Centro-Africana. A natureza da atuação desta companhia, contudo, provoca críticas de que esta seria um braço do Estado russo. De fato, especialistas afirmam que o grupo atua apenas com chancela do Estado russo, algo que é indicado também pela escolha dos teatros de operações. Corrobora esse pensamento, o ocorrido, em setembro de 2019, quando

Franco Alencastro

Filipe Nyusi, presidente de Moçambique, se encontrou com o presidente Putin, na Rússia, e assinou acordos comerciais e de assistência militar, tendo os primeiros combatentes do Grupo *Wagner* chegado a Moçambique após o evento.

O grupo tem, contudo, enfrentado dificuldades em sua atuação em Moçambique, sofrendo baixas. Essa situação tem levado ao envolvimento de outros atores. Em 13 de abril, foi revelado que o empresário norte-americano Erik Prince, antigo proprietário da companhia militar privada *Blackwater*, havia fechado um acordo para fornecer assistência ao Grupo *Wagner* em Moçambique. O envolvimento de Prince, empresário que possui laços com o governo norte-americano, é indicativo do crescente interesse deste país em Moçambique, que se manifestou por meio de acordo de US\$ 500 milhões para exploração de gás natural em Cabo Delgado, pela empresa *ExxonMobil*. Resta saber se a cooperação entre russos e norte-americanos será prejudicada por interesses conflitantes ou pela relação turbulenta entre seus governos.

Os chineses são os maiores credores do continente africano, representam 80% da dívida bilateral (governo-governo) total da África Subsaariana. Porém, a crise econômica atual está aflorando situações financeiras conturbadas na região. A fuga dos investidores para mercados financeiros mais seguros, queda do comércio mundial e a pandemia de SARS-CoV-2 farão com que a China tenha papel crucial nas renegociações das dívidas africanas.

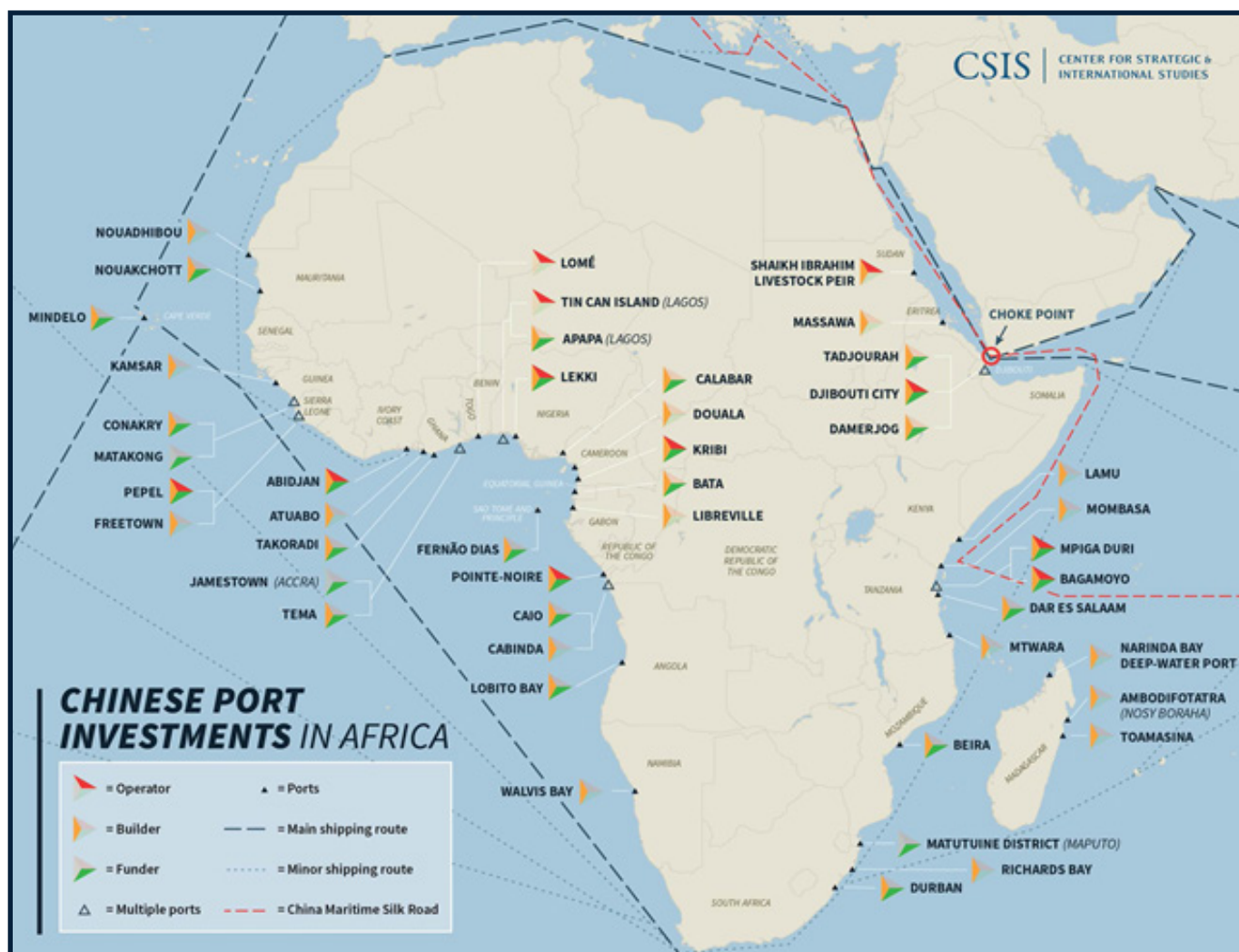
Segundo a Universidade Johns Hopkins, entre 2000 e 2017, foram enviados pelos chineses US\$ 143 bilhões para a África. Angola foi responsável por receber mais de US\$ 43 bilhões, seguido pela Etiópia, US\$ 13,8 bilhões, e Quênia, com quase US\$ 9 bilhões. Dentre os projetos, destacam-se aqueles da área marítima, somando 46 portos na África Subsaariana com envolvimento chinês, a exemplo do Porto de Mombaça, no sul do Quênia, e o Porto Shaikh Ibrahim, no Sudão.

Todavia, a crise econômica mundial piora a situação africana. Além de serem detentores de moedas mais fracas dentro do sistema monetário internacional, por terem sua matriz econômica baseada em *commodities* cujos preços

caíram drasticamente, os países da região são os que mais sofrem no âmbito fiscal, mesmo correspondendo a menos de 0,7% dos casos de COVID-19. Angola terá seu orçamento abalado neste ano, pois 60% dele é derivado do petróleo ([Boletim 115](#)), o que reduzirá substancialmente a possibilidade de cumprir seus compromissos.

Entretanto, a Comunidade Internacional tem aliviado os Estados endividados. Em 15 de abril de 2020, o G20 anunciou uma moratória temporária de US\$ 20 bilhões em dívidas bilaterais para esses Estados, seguindo as diretrizes do Banco Mundial e do FMI. Basta saber, agora, o papel que a China terá na colaboração neste movimento, tendo em vista ser o maior credor estatal envolvido.

No entanto, caso não haja uma renegociação da dívida, alguns países podem perder seus investimentos, como ocorreu com o Porto de Hambantota, no Sri Lanka, que teve sua administração passada para os chineses. Este pode ser o futuro dos portos do Quênia e do Sudão. Portanto, deve-se observar qual será a política estratégica abordada pela China para sabermos como ficará a geopolítica africana.



A conclusão do Nord Stream 2: batalha geopolítica e econômica

Ariane Francisco

Em 09 de maio, após uma viagem de 90 dias de circum-navegação do globo, o navio russo *Akademik Cherskiy*, responsável pela instalação dos tubos do gasoduto *Nord Stream 2*, chegou no Porto de Mukran, a 300 km de Berlim, e base logística do gasoduto. Uma vez completo, o gasoduto ligará os campos de gás natural russos à Alemanha pelo Báltico, passando pela Finlândia, Suécia e Dinamarca, e tem sido alvo de diversas discussões e embates entre países europeus, Rússia e Estados Unidos ([Boletins 64, 88, 107](#)). Com data inicial de conclusão para o começo deste ano, a construção de uma das partes finais do projeto foi interrompida depois de uma sanção americana no fim do ano passado.

Anteriormente dependente de terceiros para a montagem de seus gasodutos, a *Gazprom* (empresa estatal russa que lidera o consórcio do projeto) adquiriu o *Akademik Cherskiy* em 2016, que tem, desde então, passado por diversas etapas de modernização. Usado pela primeira vez em 2019 nos campos de gás de Kirinskoye e Yuzhno-Kirinskoye, o navio se mostrou, para diversos especialistas, uma escolha natural para apoio no projeto, reforçada pela declaração do diretor executivo da *Gazprom*, Alexey Miller, ainda em 2019, de que a empresa conseguiria concluí-lo sozinha.

A atracação do navio em Mukran parece confirmar exatamente essas previsões e mostra a prioridade com que a Rússia vê o projeto, mesmo com sanções americanas e oposição de diversos países europeus. No dia 10 de maio, a *Planet Labs Inc.* publicou uma série de imagens de satélite que mostraram que seções do gasoduto, mantidos em depósitos em Mukran, já foram transportadas para

o cais do porto. Além de seções no mar alemão, resta a construção de uma parte do gasoduto que passa pelo mar da Dinamarca, que deu sua aprovação final ao projeto em outubro de 2019.

Face à iminente (ao que parece) conclusão do projeto, a dependência alemã e europeia do gás natural russo é uma das maiores preocupações geopolíticas que o *Nord Stream* apresenta ao governo americano, apesar do apoio incondicional da Alemanha, que espera ter maior segurança energética. Economicamente, ele significa a perda das “taxas de travessia” que a *Gazprom* paga à alguns países europeus, além da saída da empresa da Ucrânia, podendo levar a maiores deteriorações no país.



Malta abandona a Operação Naval EUNAVFOR MED Irini

Melissa Rossi

No dia 08 de maio, Malta anunciou publicamente que não iria mais participar da missão naval europeia *EUNAVFOR MED Irini*, somente quatro dias após a primeira patrulha da Operação, sob o comando da fragata francesa *Jean Bart*, iniciar suas atividades de busca e apreensão de embarcações envolvidas no tráfico de armas ilícitas nas águas do Mediterrâneo Central. A Operação foi oficialmente aprovada pelo Conselho da União Europeia (UE) no dia 31 de março de 2020 e tem como principal objetivo a imposição de um embargo de armas à Líbia, estabelecido inicialmente pelas Resoluções 1970 (2011) e 2292 (2016) do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

A decisão de Malta sinaliza um início turbulento para *Irini*, que recebeu muitas críticas ligadas à sua parcialidade. A missão tem sido acusada de favorecer o lado do general líbio Khalifa Haftar, apoiado por Rússia, Emirados, Egito e França. Haftar recebe suas armas pela fronteira terrestre com o Egito. Visto que *Irini* atua no Mar Mediterrâneo Central, suas ações acabarão bloqueando somente as armas traficadas maritimamente pela Turquia, usadas para apoiar o governo oficial em Trípoli, liderado pelo primeiro-ministro Fayez al-Sarraj. Além da Turquia, al-Sarraj é apoiado pela Itália e pelo Qatar ([Boletim 114](#)).

Um dos motivos que Malta cita para abandonar a *Irini* >>

é esta parcialidade da missão, que apoiaria indiretamente as forças leais a Haftar. Contudo, é importante lembrar que o governo de Malta estava claramente ciente destas limitações antes de aprovar a missão naval, que precisava do voto unânime dos Estados-Membros da UE para se tornar operacional. Na verdade, Malta realizou uma jogada estratégica inesperada neste tabuleiro geopolítico, achando um modo para pressionar a UE em um assunto crucial para a ilha: a questão migratória. Desde que a Itália fechou seus portos para a entrada de migrantes, Malta se tornou um país importante de acolhimento para quem é resgatado no Mediterrâneo Central, reclamando de pouco apoio da UE, sobretudo neste momento de pandemia de COVID-19. A pequena ilha quer forçar a UE a negociar

um acolhimento compartilhado de migrantes, além de garantir maior apoio ao governo oficial em Trípoli, ou poderá vetar financiamentos futuros à Operação *Irini*.



ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Acidente em exercício naval iraniano: despreparo ou fatalidade?

Ana Luiza Colares e Pedro Albit

Em 10 de maio, a Marinha da República Islâmica do Irã (IRIN, sigla em inglês) realizou um exercício naval interno nas proximidades do Porto de Jask, localizado no Golfo de Omã, a fim de testar novos mísseis antinavio. Contudo, no dia seguinte, a Marinha divulgou que o navio de apoio *Konarak* havia sido atingido pelo míssil antinavio *Noor*, que partiu da fragata *Jamaran*, ambas pertencentes às forças iranianas, sendo esta última uma embarcação de produção nacional.

O ocorrido deixou 19 tripulantes mortos e 15 feridos e deveu-se a uma falha de protocolos de segurança, que explicita falta de adestramento do IRIN e das demais forças militares, sendo este o segundo incidente envolvendo as Forças Armadas iranianas nos últimos meses. Em janeiro, em meio ao maior momento de tensão entre Estados Unidos e Irã ([Boletim 109](#)), uma unidade de defesa aérea iraniana disparou dois mísseis terra-ar em direção a um avião da *Ukraine Airlines*, pressupondo ser uma ameaça não identificada, causando a morte de 176 passageiros.

A IRIN realiza exercícios navais com frequência no Golfo, próximo ao Estreito de Ormuz, estratégico por ser uma rota importante de comércio marítimo. Cerca de 20% do petróleo produzido mundialmente passa pelo Estreito, motivo pelo qual sua estabilidade é de suma importância para o comércio global, onde a presença de atores como Irã e EUA se dá de forma agressiva. Em abril, houve autorização por parte do presidente Donald Trump para que a *U.S. Navy* destruísse navios iranianos que ameaçassem as embarcações americanas no Golfo Pérsico. Desta forma, é imprescindível a eficácia na atuação das forças navais iranianas na região, constantemente fiscalizada pelos *players* internacionais.

No cenário interno, tais falhas militares também colaboram para a perda de legitimidade do governo, que já vinha enfrentando protestos desde o fim de 2019. Com a derrubada do avião ucraniano, manifestantes tomaram as ruas por dias seguidos, pedindo o fim do regime dos aiatolás. Com as sanções econômicas em vigor e o impacto da COVID-19 no país, os elevados gastos militares não se legitimam popularmente. Nesse contexto, o despreparo militar, somado ao declínio da credibilidade do regime, tende a enfraquecer o país internacionalmente, sobretudo em uma possibilidade de enfrentamento direto, pois, apesar do poderio bélico de destaque na região, tem-se a impressão de falta de capacidade para manuseá-lo.



A manutenção da força naval russa no Mediterrâneo

Luiza Guitarrari

No final do mês de abril, o submarino diesel-elétrico do Projeto 636.3 da Esquadra do Mar Negro, *Rostov-on-Don*, iniciou seu deslocamento para o Mar Mediterrâneo. Equipado com mísseis de cruzeiro *Kalibr*, com um alcance estimado de 1.500 a 2.500 km, o submarino faz parte da rotação programada de navios de guerra russos no Mediterrâneo. Segundo o Ministério da Defesa, o cruzador *Moskva* também irá juntar-se à força-tarefa, atravessando o estreito de Bósforo. Em meio à interseção continental da região, a presença da Marinha russa centra-se como uma força de dissuasão para restringir as operações dos Estados Unidos e da OTAN no Leste do Mediterrâneo.

Considerado o limite entre o lado asiático e europeu na Turquia, o tráfego de navios no estreito de Bósforo está vinculado à Convenção de Montreux de 1936, o qual, salvo ameaças iminentes de guerra, garante a liberdade de circulação. Dessa forma, o *chokepoint* configura-se como uma importante passagem da Esquadra do Mar Negro para seu único porto de apoio logístico no Mediterrâneo, o Porto de Tartus.

A instalação naval na Síria é uma parte crucial da presença militar russa na região, permitindo que seus navios reabasteçam e se rearmem; por conseguinte, em dezembro de 2017, Moscou renovou seu contrato de arrendamento do porto por 49 anos. O acordo garantiu que o território e o espaço marítimo de Tartus estivessem sob jurisdição russa, autorizando, assim, a manutenção de 11 navios de guerra, inclusive nucleares.

Enquanto a Síria realiza a proteção externa da base naval, a Rússia compromete-se a assegurar a defesa

antiaérea e a proteção das fronteiras marítimas do território. Nesse cenário, amparados pelo Tratado de Amizade e Cooperação (1980), a Síria conta com o apoio econômico e militar de Moscou. Atualmente, estima-se que a Rússia conta com 5.000 militares no país, principalmente assessores militares, forças especiais e uma base aérea em Hmeimim, a sudoeste da cidade de Latakia.

Concomitantemente, com o objetivo de aumentar seu acesso aos portos mediterrâneos e de expandir sua influência, os reforços navais contribuem para o estabelecimento da cooperação russa com aliados e parceiros. Assim, visando uma maior penetração regional, o aumento do componente ofensivo e a presença de navios de guerra russos no Mediterrâneo desencadearam uma pressão a ser levada em conta no cálculo geoestratégico da Europa na região.



Fonte: AFP

A disputa geopolítica da Ucrânia em tempos de COVID-19

Pedro Martins

No dia 14 de maio, o Grupo de Contato Trilateral sobre a Ucrânia se reuniu por videoconferência. Composto por representantes de Ucrânia, da Rússia e da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa, o grupo foi criado em 2014 a fim de facilitar o diálogo e a resolução das disputas no Leste e no Sul do país. Nessa reunião, a delegação ucraniana foi expandida, sendo liderada pelo vice primeiro-ministro e ministro da Reintegração dos Territórios Temporariamente Ocupados, Oleksiy Reznikov. Na reunião trilateral, discutiu-se a troca de prisioneiros, bem como a criação de *checkpoints* e a delegação ucraniana manteve a posição de realizar eleições no Donbass somente após retomada do controle fronteiriço das províncias do Leste do país, recusando

também a possibilidade de consolidar os status especiais de Donetsk e Luhansk na Constituição ucraniana.

No dia seguinte, o Parlamento Europeu aprovou ajuda de US\$ 1,2 bilhão para a Ucrânia para auxiliar a mitigar os efeitos econômicos da COVID-19, que vitimou 497 pessoas de um total de 17.858 casos no país. Esse pacote faz parte de uma iniciativa maior da União Europeia destinada para 10 países selecionados (Ucrânia, Albânia, Bósnia e Herzegovina, Geórgia, Jordânia, Kosovo, Moldova, Montenegro, Macedônia do Norte e Tunísia), com orçamento total estimado em US\$ 3 bilhões. Para acessar esse empréstimo, com prazo máximo de pagamento em 15 anos, os países deverão assinar um Memorando de Entendimento com a »

Comissão Europeia.

O fato de 60% da parcela desse pacote ser direcionado à Ucrânia não é por acaso, mas orientado pela geopolítica. Sendo um país fronteiro à Rússia e com base industrial de Defesa própria, a Ucrânia é um parceiro relevante na tendência de expansão e contenção da OTAN no Leste Europeu desde os anos 1990. Foi esse projeto que levou à *Euromaidan* em 2014, dado que vários países fronteiriços

à Rússia entraram ou manifestaram interesse em entrar na OTAN, como os países bálticos (Letônia, Estônia e Lituânia), a Geórgia e, mais recentemente, a Ucrânia.

Com isso, envolvendo o esforço de contenção ocidental da Federação Russa, a disputa geopolítica acerca da Ucrânia ainda persiste, conquanto o conflito nas províncias do Leste Europeu tenha diminuído sua intensidade.

SUL DA ÁSIA

Novos desafios para a segurança energética indiana

Marina Corrêa

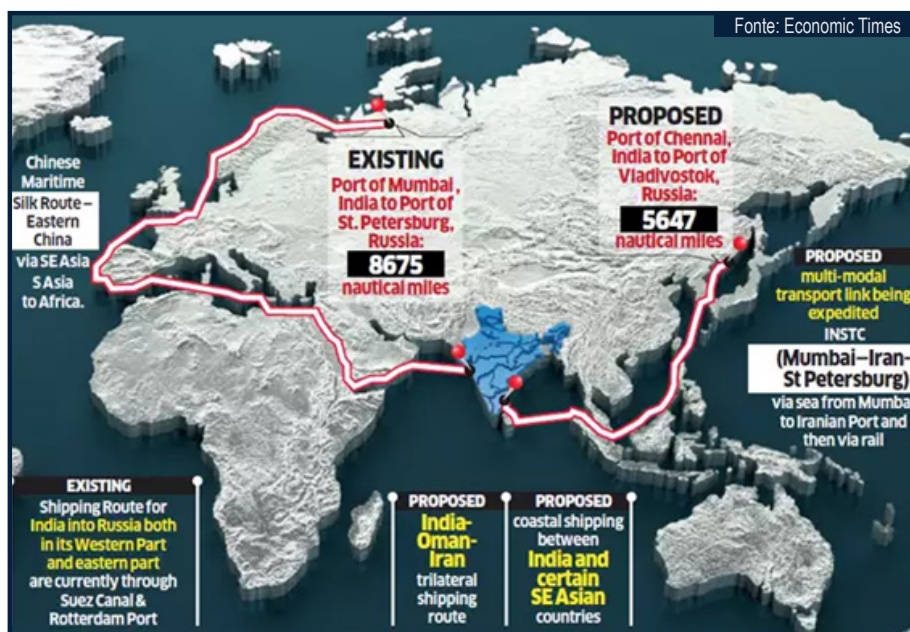
Em 26 de abril, a subsidiária NCL da *Coal India Limited* (CIL) - uma das maiores empresas de mineração de carvão mundial -, anunciou o início da produção de carvão em Odisha, um estado rico em recursos minerais, possibilitando um aumento futuro de 4.200 MW na energia térmica. Este combustível fóssil representa cerca de 72% da energia total do país, o que torna a Índia o segundo maior consumidor mundial (12%) e o segundo maior produtor (9,5%), atrás da China - segundo o “*BP Statistical Review 2019*”.

Para a Índia, a COVID-19 criou um cenário conturbado, colocando várias questões sobre produção e compra de energia à mesa. Com o *lockdown* instaurado e o consequente choque econômico, a transição energética indiana para as renováveis enfrenta empecilhos e atrasos. Uma das metas do primeiro-ministro indiano, Narendra Modi, é atingir 175 gigawatts (GW) de fontes renováveis até 2022 e 450 GW até 2030. Em 2019, a capacidade total calculada era de 85 GW (1/2 do esperado para 2022).

Posto isso, tornou-se mais coerente investir no carvão para geração de energia. Mesmo com a queda da demanda energética da população, este combustível continua sendo a principal fonte. No ambiente doméstico

- segundo o discurso do ministro de Carvão e Minas, Pralhad Joshi - o governo irá reformular e flexibilizar as políticas de mineração, objetivando a geração de empregos e viabilizar a recuperação econômica, além dos leilões de blocos minerais já explorados para impulsionar o crescimento da receita. Estas ações contribuirão para a meta indiana de reduzir a “importação evitável de carvão”, cujo propósito é finalizar o presente ano com uma queda de 25-30% das importações.

O panorama atual mostra a viabilidade desta redução, uma vez que, já em abril, houve queda de aproximadamente 29% das importações de carvão. Entretanto, essa redução de compra exterior é referente ao carvão mineral, presente em abundância na Índia. Todavia, para conseguir atender a demanda do setor siderúrgico indiano, é preciso que o carvão metalúrgico seja importado. Para isso, iniciaram-se negociações com a Rússia, a fim de assinar um Memorando de Entendimento, o qual aborda projetos e planos para o GNL e para o petróleo bruto. Projetos os quais envolvem a exploração de uma nova rota advinda do ártico russo e do renascimento do corredor marítimo Vladivostok-Chennai.



Índia e China voltam a se enfrentar na fronteira

Rebeca Leite

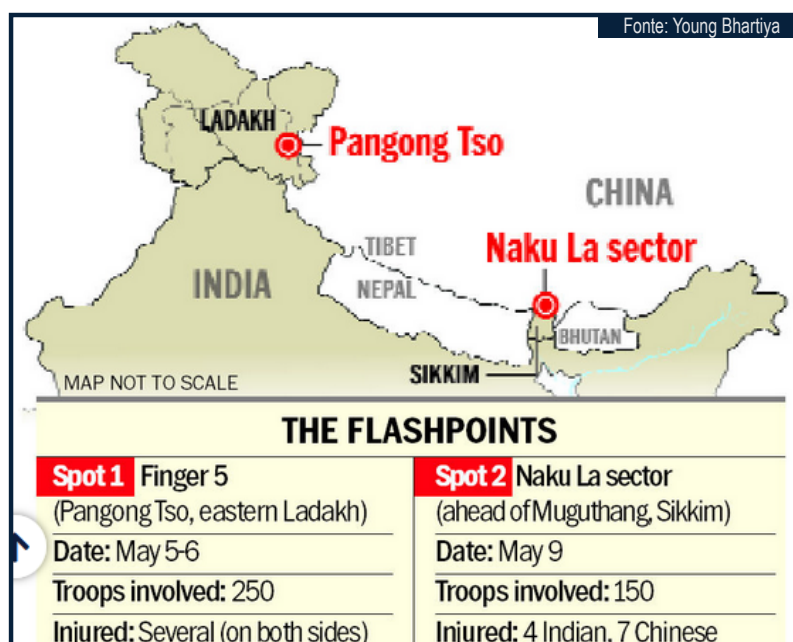
Dois confrontos ocorreram na fronteira sino-indiana nos dias 05 e 09 de maio, com militares feridos de ambos os lados. O primeiro episódio aconteceu em Ladakh, próximo da área disputada de Aksai Chin, porção da Caxemira ocupada pela China. O segundo confronto se deu ao longo da província indiana de Sikkim, na fronteira com o Tibete. Tais eventos são recorrentes, sobretudo durante exercícios de patrulhamento, uma vez que ambos os países possuem percepções diferentes sobre a delimitação de suas fronteiras.

A disputa fronteira entre Índia e China é uma constante histórica bastante complexa. Quanto à região de Ladakh, é importante mencionar que, apesar de ser um território formalmente indiano, a porção de Aksai Chin é ocupada pela China desde a guerra sino-indiana de 1962. Em 2019, quando a Índia incorporou este estado à União ([Boletim 100](#)), a China declarou ser inaceitável esta atitude unilateral do governo, por ser uma região reivindicada. Para Pequim, sua relevância reside em possibilitar a integração entre Xinjiang e o Tibete, pois esta conectividade é significativa para as operações militares na fronteira. Não obstante, a fronteira Sikkim-Tibete remete a uma disputa em 1965, quando a China

ameaçou a Índia com duras consequências.

Atualmente, tem-se a Linha de Controle Efetivo, que possui aproximadamente 4.057 km de extensão e perpassa os estados indianos da Caxemira, Himachal Pradesh e Arunachal Pradesh. No entanto, essa delimitação não é reconhecida nem pela Índia nem pela China, cuja atitude inflama os tipos de acontecimentos supracitados, pois toca diretamente na soberania destes Estados. Quanto à província de Arunachal Pradesh, tem-se um fator agravante, pois o Rio Brahmaputra, ao deixar sua nascente no Tibete, flui para aquele território, cujo controle ainda é disputado entre a Índia e a China. Ainda que seja uma área administrada pela Índia atualmente, Pequim reivindica todo esse território como sendo parte do sul do Tibete.

Dessa forma, uma vez que não há uma fronteira oficialmente reconhecida, espera-se que as disputas territoriais continuem desgastando a relação sino-indiana, sobretudo devido ao valor geopolítico que estes territórios possuem. O alerta reside em evitar que estes eventos menores gerem uma escalada conflituosa entre os dois gigantes nucleares da Ásia.



SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Austrália e China: entre a pandemia e a diplomacia

Thayná Fernandes

Além dos complicados desafios à área da saúde causados pelo novo coronavírus, alguns países também têm enfrentado divergências diplomáticas que aumentam a desconfiança e dificultam ainda mais os esforços conjuntos para mitigação dos efeitos da

pandemia. Um exemplo são as relações entre Austrália e China.

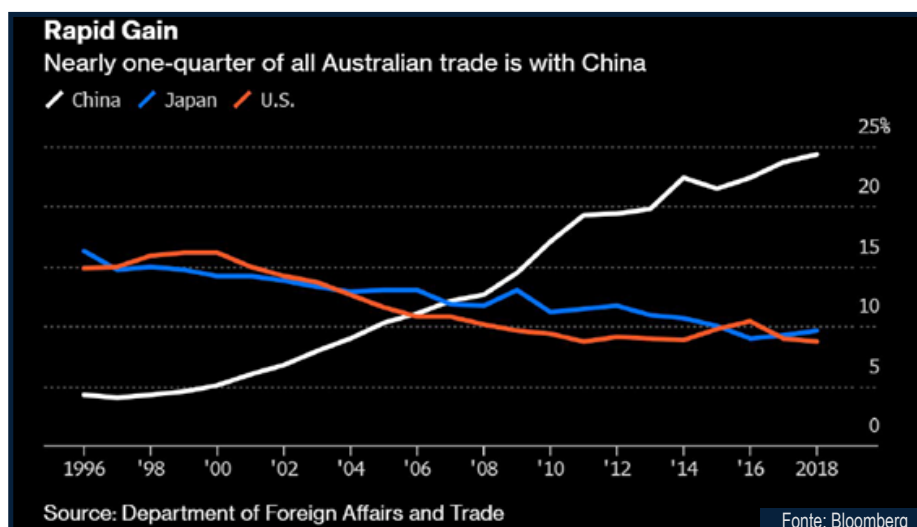
No início de maio, a imprensa australiana divulgou com exclusividade, um relatório de quinze páginas cuja autoria foi atribuída à iniciativa *Five Eyes* (Aliança de »

inteligência entre Austrália, Canadá, Estados Unidos, Nova Zelândia e Reino Unido) que responsabilizava a China por ter encoberto e destruído intencionalmente evidências do início dos casos de COVID-19 que, posteriormente, acarretaram na pandemia. A revelação do documento gerou cobranças mais contundentes pelo posicionamento de Pequim; no entanto, poucos dias depois, o *Five Eyes* declarou que tal documento não partiu de suas investigações e que, apesar de acreditar que os chineses não tenham tratado a situação com ampla clareza, não há provas de que o vírus tenha vazado de um laboratório em Wuhan.

O principal dilema das relações sino-australianas é escolher entre soberania e economia: a Austrália tem pressionado por investigações internacionais independentes acerca da origem e difusão do vírus; em contrapartida, sendo importador de cerca de US\$ 2,67 bilhões em carne vermelha, Pequim suspendeu as negociações com quatro grandes abatedouros em

Camberra, estabeleceu tarifas de cerca de 80% nas importações de cevada australiana a partir de 19 de maio, ademais da perspectiva de queda também nos setores de vinho e pescado. Essas ações preocupam, porque em 2018, Pequim liderou 25% do comércio bilateral, foi destino de 30% das exportações australianas e pesou consideravelmente nos setores de turismo e educação. Mesmo que as recentes medidas excludentes da China não estejam oficialmente relacionadas ao posicionamento investigativo australiano, o país demonstra que pressionar não é algo tão simples.

Apesar de compor a Parceria Transpacífica e possuir acordos bilaterais com outros países no entorno, tais mercados não são suficientes para cobrir a participação chinesa na economia australiana. Com previsão de queda em US\$ 34,2 bilhões no PIB em um ano, uma postura mais incisiva, criando um imbróglgio maior com a China, significa perda ainda mais brusca.



ÁRTICO & ANTÁRTICA

Rússia e os avanços em direção a uma futura exploração antártica

Gabriele Hernandez

A estatal russa de exploração geológica *Rossgelologia* anunciou em fevereiro deste ano a finalização de uma pesquisa sísmica na região do Mar de Riiser-Larsen, no Oceano Austral, cobrindo uma área total de aproximadamente 4.400 km. O propósito da pesquisa foi mensurar o potencial para prospecção de gás natural e petróleo na região, utilizando as ferramentas tecnológicas mais recentes. A pesquisa indica cerca de 513 bilhões de barris de petróleo e gás possivelmente escondidos sob o manto de gelo da região, embora não se saiba com certeza a quantidade real passível de ser extraída.

A região ainda não pode ser explorada comercialmente graças ao Protocolo de Madri, em vigor desde 1998, quando estabeleceu uma moratória por 50 anos nas atividades comerciais exploratórias em todo o continente

e seus mares. Além disso, o Tratado da Antártica não possibilita a instalação de bases militares e armamentos no continente, bem como a ocupação efetiva de territórios em termos de soberania.

Chama atenção o fato de que o Mar de Riiser-Larsen e a Terra da Rainha Maud (*Queen Maud Land*, em inglês) fazem parte do território reivindicado pela Noruega na Antártica, no qual o país possui duas estações de pesquisa, *Tor*, cujas atividades ocorrem no verão, e *Troll*, estação de operação permanente. O navio quebra-gelo *Kronprins Haakon* divide suas atividades entre o Ártico e a Antártica. A Rússia (de modo semelhante aos EUA), apesar de não reclamar nenhum território no continente, se reservou o direito de reivindicar caso calcule ser necessário. Além de possuir as bases *Mirny*, *Vostok*, »

Progress, *Novolazarevskaya* e *Bellingshausen*, além dos refúgios *Molodezhnaya*, *Druzhnaya-4*, *Russkaya* operando no continente, o país dispõe de 4 navios polares voltados para o seu programa antártico – e pode, a qualquer momento, direcionar para a Antártica sua imensa frota de embarcações que atuam no Ártico.

Apesar do cenário atual não apresentar nenhuma urgência quanto às reservas mundiais de petróleo devido à crise do coronavírus, os países que hoje são

os maiores importadores de petróleo, como China (1º) e Índia (3º), podem no futuro mudar suas posições em relação ao Protocolo e reivindicar o direito de explorar comercialmente o continente gelado. Para a Noruega, que já é um grande produtor de petróleo e gás, resta lidar com a presença russa no território que reivindicou em 1939, e manter sua tradicional posição em prol da manutenção da proibição de exploração comercial na Antártica.



Rússia assina o contrato para a compra do maior quebra-gelo nuclear do mundo

Laila Lorenzon

Apela Rota Marítima do Norte durante o ano inteiro até 2027, mesmo no inverno, a estatal russa *Rosatom* assinou um contrato de compra de um quebra-gelo nuclear da classe *Leader*, também conhecido como *LK-120Ya*, que é duas vezes mais potente e pesado do que o mais novo quebra-gelo do país, o *Arktika*. A embarcação é projetada para quebrar até quatro metros de gelo e abrir caminho para os navios logo atrás com carregamento de petróleo e gás, e garantir que as operações marítimas na região ártica sejam mais frequentes e realizadas de maneira mais segura. Devido a sua enorme potência, é esperado que o quebra-gelo possibilite a navegação na Rota do Norte durante o ano inteiro, que consequentemente irá estimular o comércio internacional na região.

Entretanto, o prazo de sete anos para a conclusão do projeto pode ser visto como demasiado ambicioso, devido a recentes atrasos e problemas técnicos enfrentados na construção da classe *Arktika*, cuja construção do principal navio começou em 2013 e ainda

não está pronto para ser colocado em serviço.

A construção da classe *Leader* será feita pelo estaleiro de *Zvezda*, perto de *Vladivostok*, que foi recentemente expandido e está, pela primeira vez, responsável pela construção de um quebra-gelo nuclear, que até o momento é considerado o maior do mundo. O custo estimado para a construção dos três navios *Leader* é de US\$ 1,6 bilhão, em contrapartida do valor estimado de US\$ 2,1 bilhões referente à encomenda de três quebra-gelos convencionais pelos Estados Unidos.

Navegar pela Rota Marítima do Norte durante o inverno é um grande desafio e extremamente perigoso, porém com o projeto da notável propulsão da classe *Leader*, é esperado que esse trajeto possa ser feito de maneira muito mais segura e rápida, criando um canal navegável para navios deslocando até 200 mil toneladas. Caso seja viabilizado, o uso desses navios representará a transição do centro comercial marítimo internacional para latitudes mais altas, visto que a rota não levará mais de oito dias para ser completada, encurtando em 40% o tempo médio de navegação em outras rotas.

- ▶ [Libya And Beyond: The Role Of International Actors In North Africa](#)
ISPI, Federico Borsari
- ▶ [The Pentagon Should Train For — And Not Just Talk About — Great-Power Competition](#)
WAR ON THE ROCKS, Tom Greenwood, Owen Daniels
- ▶ [The United States Should Not Align With Russia Against China](#)
FOREIGN POLICY, Matthew Kroenig
- ▶ [Taking Notes From Narcos On Unmanned Ship Design](#)
THE MARITIME EXECUTIVE, Collin Fox
- ▶ [China's Coming Upheaval](#)
FOREIGN AFFAIRS, Minxin Pei
- ▶ [Power And The Rise And Fall Of Nations](#)
GEOPOLITICAL FUTURES, George Friedman
- ▶ [Russia's Arctic Strategy Melts Under Scrutiny](#)
RIDDLE, Sergey Sukhankin
- ▶ [Game Of Drones? How New Technologies Affect Deterrence, Defence And Security](#)
NATO, Antonio Missiroli

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

MAIO

22 147ª Sessão da Diretoria Executiva da OMS

25 Eleições gerais no Suriname

31 Dia das Forças Armadas de Brunei

JUNHO

09 179ª Reunião da OPEP, Viena

10-12 46ª Cúpula do G7, videoconferência

18-19 Reunião do Conselho Europeu, Bruxelas

27 Eleições Presidenciais na Islândia

29 Início das restrições na exportação de tecnologia militar americana para uso militar para Rússia, China e Venezuela

- **A Operação Gedeón e a crescente fragilidade da articulação que sustenta o governo de Nicolás Maduro**

BRISCOE, Ivan. [A Perfect Storm for Venezuela, Cratering Oil Prices and Crumbling Healthcare Threaten Maduro's Grip on Power](#). Foreign Affairs, 11 maio 2020. Acesso em: 13 maio 2020.

GOODMAN, Joshua. Report: [Ex-Green Beret led failed attempt to oust Venezuela's Maduro](#). The Associated Press, 01 maio 2020. Acesso em: 12 maio 2020.

- **A crise da COVID-19 como ponto de inflexão no Equador**

SILVA, María Vanessa. [Estos son los seis puntos claves que plantea el proyecto de Ley de finanzas públicas](#). El Comercio, 12 maio 2020. Acesso em: 15 maio 2020.

¿Cómo el COVID-19 afecta el sector marítimo y portuario?. Marine & Port Consultant SAS, 02 abr. 2020. Acesso em: 13 maio 2020.

¿Cómo el COVID-19 afecta el sector marítimo y portuario?. Marine & Port Consultant SAS, 02 abr. 2020. Acesso em: 13 maio 2020.

- **Planos de reestruturação da Marinha norte-americana**

LARTER, David B. [Defense Department study calls for cutting 2 of the US Navy's aircraft carriers](#). Defense News, 20 abr. 2020. Acesso em: 30 abr. 2020.

LARTER, David B. [US Navy adds stealth destroyer, new Arleigh Burke-class warship to the fleet](#). Defense News, 28 abr. 2020. Acesso em: 30 abr. 2020.

- **Os interesses internacionais no conflito em Moçambique**

BURKE, J. [Islamist group kills 52 in "cruel and diabolical" Mozambique massacre](#). The Guardian, 22 abr. 2020. Acesso em: 11 maio 2020.

ISSUFO, Nádia. [Moçambique: Recuo ou cautela em relação a Erik Prince?](#) DW, 30 maio 2019. Acesso em: 11 maio 2020.

- **A China e a dívida africana**

FABRICIUS, Peter. [Is COVID-19 enabling debt-trap diplomacy?](#) Institute for Security Studies (ISS), 30 abr. 2020. Acesso em: 14 maio 2020.

DEVERMONT, Judd. [Assessing the Risks of Chinese Investments in Sub-Saharan African Ports](#). Center for Strategic & International Studies (CSIS), 04 jun. 2020. Acesso em: 14 maio 2020.

- **A conclusão do Nord Stream 2: batalha geopolítica e econômica**

KUBIAK, Mateusz. [Nord Stream 2 in the hands of Akademik Cherskiy](#). Euractiv, 11 mar. 2020. Acesso em: 16 maio 2020.

KORSO, Tim. [Russian Vessel Capable of Finishing Nord Stream 2 Docked at German Port Near Construction Site](#). Sputnik News, 16 maio 2020. Acesso em: 16 maio 2020.

- **Malta abandona a Operação Naval EUNAVFOR MED Iriini**

EMMOTT, Robin; SCICLUNA, Chris. [Malta pulls out of new EU Libya sea patrols in migration row](#). Reuters, 08 maio 2020. Acesso em: 12 maio 2020.

VELLA, Matthew. [Malta rattles EU with Iriini withdrawal. Makron and Merkel schedule calls](#). Maltatoday, 10 maio 2020. Acesso em: 11 maio 2020.

- **Acidente em exercício naval iraniano: despreparo ou fatalidade?**

MOORE, Mark. [Trump authorizes Navy to 'destroy' Iranian vessels harassing US ships](#). New York Post, 22 abr. 2020. Acesso em: 15 maio 2020.

MARCUS, Jonathan. [Iran navy 'friendly fire' incident kills 19 sailors in Gulf of Oman](#). BBC, 11 maio 2020. Acesso em: 15 maio 2020.

- **A manutenção da força naval russa no Mediterrâneo**

[Russian Navy sub embarks on deployment to Mediterranean Sea](#). Tass, 27 abr. 2020. Acesso em: 16 maio 2020.

SUCIU, Peter. [Party Like It's 1979: Russian Increasing Presence in Mediterranean](#). National Interest, 08 maio 2020. Acesso em: 15 maio 2020.

- **A disputa geopolítica da Ucrânia em tempos de COVID-19**

[Renewed Ukrainian delegation holds first meeting in Minsk talks on Donbas settlement](#). Unian, 15 maio 2020. Acesso em: 15 maio 2020.

[European Parliament approves EUR 1.2 bln in macro-financial assistance to Ukraine](#). Unian, 15 maio 2020. Acesso em: 15 maio 2020.

- **Novos desafios para a segurança energética indiana**

[India's coal import declines 29pc in April](#). The Economic Times, 07 maio 2020. Acesso em: 12 maio 2020.

CHAUDHURY, Dipanjan Roy. [India, Russia plan MoU on coking coal: boost crude oil trade](#). The Economic Times, 08 maio 2020. Acesso em: 12 maio 2020.

- **Índia e China voltam a se enfrentar na fronteira**

PERI, Dinakar. [Indian, Chinese troops face off in Eastern Ladakh, Sikkim](#). The Hindu, 10 maio 2020. Acesso em: 15 maio 2020.

LI, Mingjiang; ZHANG, Hongzhou. [Sino-Indian Borders Disputes](#). Istituto per gli Studi di Politica Internazionale, jun. 2013. Acesso em: 14 maio 2020.

- **Austrália e China: entre a pandemia e a diplomacia**

HURST, Daniel; DAVIDSON, Helen. [Australia-China ties at risk of slipping into permanent hostility, former senior diplomat warns](#). The Guardian, 14 maio 2020. Acesso em: 16 maio 2020.

NALLY, Alicia. [Australia-China trade stoush over coronavirus inquiry puts exports — and more — at risk](#). ABC News, 15 maio 2020. Acesso em: 16 maio 2020.

- **Rússia e os avanços em direção a uma futura exploração antártica**

[About the Russian Federation's National Antarctic Program](#). Council of Managers of National Antarctic Programs (CONMAP). Acesso em: 16 maio 2020.

PERKINS, Robert. [Russia stokes political tensions with hunt for Antarctic oil](#). S&P Global, 21 fev. 2020. Acesso em: 02 maio 2020.

- **Rússia assina o contrato para compra do maior quebra-gelo nuclear do mundo**

HUMPERT, Malte. [Russias's Rosatom and Zvezda shipyard sign contract world's largest nuclear icebreaker](#). High North News, 04 abr. 2020. Acesso em: 29 abr. 2020.

[Russia building 69.700-ton nuclear powered icebreakers to keep the Northern Sea Route navigable year round](#). Mercopress, 27 abr. 2020. Acesso em: 15 maio 2020.

O mapa intitulado “10 Principais Riscos Globais”, exposto na página 03 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa baseiam-se na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões.

Devido ao aumento do número de casos (infectados, internados e mortos) relacionados à COVID-19, houve uma adaptação na análise do cenário. Dessa forma, elaborou-se um mapa à parte, com os 10 países com maior número de infectados, e os países com maior número de infectados na América do Sul, África e Oceania de acordo com o último relatório da OMS divulgado até a data deste boletim. Dessa forma, os países foram divididos em vermelho e laranja de acordo com o número de casos totais.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados 10 principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

▶ ALTO RISCO:

- IÊMEN — Guerra civil e crise humanitária: [Yemen gov't vows to fight separatists as clashes erupt in south](#). Al Jazeera, 12 maio 2020. Acesso em: 18 maio 2020.
- LÍBIA — Escalada da guerra civil: [War in Libya: how did it start, who is involved and what happens next?](#). The Guardian, 18 maio 2020. Acesso em: 18 maio 2020.
- VENEZUELA — Crise estrutural: [Venezuela's Maduro foils overthrow bid, blames Guaidó and the US](#). The New Humanitarian, 08 maio 2020. Acesso em: 18 maio 2020.

▶ MÉDIO RISCO:

- SÍRIA — Tensões na região de Idlib: [Silencing the Guns in Syria's Idlib](#). International Crisis Group, 14 maio 2020. Acesso em: 18 maio 2020.
- GOLFO DA GUINÉ — Aumento da pirataria: [Nigerian military rescues 18 crewmen following pirates' attack on Chinese vessel](#). Global Times, 19 maio 2020. Acesso em: 19 maio 2020.
- UCRÂNIA — Impasse sobre a Crimeia e Donbass: [Kiev eyes retake of Donbass until end of 2020 but drafts plan B](#). Tass, 07 maio 2020. Acesso em: 18 maio 2020.
- IRAQUE — Ataques do Estado Islâmico: [Iraqi PM says security forces to launch anti-ISIL offensive](#). CGTN, 17 maio 2020. Acesso em: 18 maio 2020.
- AFGANISTÃO — Incertezas no processo de paz: Afghanistan attacks: [President orders military to switch to offensive mode](#). Afghan Online Press, 13 maio 2020. Acesso em: 18 maio 2020.
- MOÇAMBIQUE — Conflitos entre governo e forças insurgentes: [Mozambique: Is Cabo Delgado the latest Islamic State outpost?](#). BBC, 05 maio 2020. Acesso em: 18 maio 2020.
- MAR DO SUL DA CHINA — Novo acirramento das disputas marítimas: [Under Cover of Pandemic, China Steps Up Brinkmanship in South China Sea](#). Foreign Policy, 14 maio 2020. Acesso em: 18 maio 2020.